



NOTAS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE FESTAS COMUNITÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UMA REGIÃO DE ORLÂNDIA-SP

NOTES ON THE CONTRIBUTIONS OF COMMUNITY PARTIES TO IDENTITY CONSTRUCTION IN A REGION OF ORLÂNDIA-SP

Bruno César Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0002-7975-6024>

Recebido em: 24 de novembro de 2020.
Aprovado em: 04 de abril de 2021.

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12188>

RESUMO: Este estudo propõe realizar uma análise acerca da potencialidade de duas festas comunitárias na construção de uma certa identidade no extremo-leste do município de Orlandia, localizado na região nordeste do Estado de São Paulo. Nossa proposta busca identificar como estes dois eventos comunitários, a Festa Junina da Travessa X e a Quermesse de Santa Rita, ao longo das últimas três décadas, forjaram a identidade de “morador local” nesta região (que corresponde aos bairros Jardim Santa Rita e Conjunto Habitacional José Vieira Brasão).

ABSTRACT: This study proposes to carry out an analysis about the potential of two community parties in the construction of a certain identity in the far east of the municipality of Orlandia, located in the northeastern region of the State of São Paulo. Our proposal seeks to identify how these two community events, the Festa Junina da Travessa X and Quermesse de Santa Rita, over the past three decades, have forged the identity of a “local resident” in this region (which corresponds to the neighborhoods Jardim Santa Rita and José Vieira Brasão Housing Complex).

Palavras-chave: identidades; festas comunitárias; cotidiano; sociabilidades.

Keywords: identities; community celebrations; daily; sociabilities.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO, Campus Irati (2018). Atualmente realiza mestrado em História pela mesma Instituição de Ensino Superior. Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4804034110506202>. E-mail: bruno_o8cesar@outlook.com

Ao longo das últimas décadas, as Ciências Humanas e Sociais, através da Antropologia, Sociologia, História e Geografia, têm evidenciado a potencialidade de se investigar as festas comunitárias enquanto importantes espaços de lazer e sociabilidade dos sujeitos. Da mesma forma, estes estudos têm destacado outro aspecto dessas festas, o seu poder de construção de identidades locais.

Ao longo desta investigação, buscaremos enfatizar que a criação da identidade de “morador local”, observada no extremo-leste do município de Orlândia, que corresponde aos bairros Santa Rita e Braço, se desenvolveu e se consolidou através das festas comunitárias ocorridas neste espaço, pois foi a partir destes eventos que os sujeitos, que até então eram desconhecidos entre si, começaram a desenvolver os primeiros laços de vizinhança, amizade e solidariedade.

Destacaremos que foi a partir da Quermesse de Santa Rita e da Festa Junina da Travessa X, bem como de outros espaços, como bares, igrejas etc., que os sujeitos nesta região começaram a desenvolver uma noção de unidade e sentimentos de pertença ao espaço.

Salientaremos que foi a partir desta noção de unidade e sentimentos de pertença que se forjou a identidade de “morador local”. Tal identidade, como destacaremos, foi base para a criação de uma distinção entre moradores locais e os de fora, estes “de fora”, os não pertencentes ao espaço, sobretudo, correspondiam aos migrantes nordestinos.

Na construção desta investigação, que corresponde a parte de uma dissertação de mestrado em História que se encontra em andamento, nos utilizaremos das metodologias da História Oral, partindo, principalmente dos pressupostos teórico-metodológicos de Alessandro Portelli (1996/1997).

A partir da perspectiva deste autor, observamos as narrativas orais enquanto lembranças seletivas dos sujeitos entrevistados, neste sentido esta fonte não corresponde a uma narrativa contemporânea aos fatos. Da mesma forma, estes depoimentos, mesmo sendo consideradas enquanto individuais, encontram-se entrelaçadas a questões mais amplas, ou seja, o falar sobre si acaba por envolver outros sujeitos, outras trajetórias, assim como destacam contextos mais amplos que o seu dia a dia ou sua experiência. Partindo de Portelli, buscaremos evidenciar que a memória destes sujeitos (individual), evidenciada através de sua narrativa, também pode ser compreendida enquanto uma memória social que encontra-se dentro de um quadro de referências dos indivíduos que estão narrando as suas histórias.

Também destacamos que outros autores nos auxiliaram na compreensão e problematização das narrativas orais, como por exemplo Stuart Hall (2012), João Carlos Tedesco (2004) e Maurice Halbwachs (2006).

As entrevistas utilizadas como fontes neste estudo foram coletadas em dois períodos, sendo o primeiro correspondente aos meses de dezembro de 2019 a março de 2020, e o segundo entre julho e outubro de 2020². As narrativas coletadas tratam sobre as trajetórias de vida dos sujeitos que habitam o extremo-leste, narrando sobre suas chegadas, sobre os laços com os sujeitos e espaços, bem como falam sobre intrigas, brigas, sobre o lazer, trabalho e cotidiano.

2 Visando seguir as recomendações dos principais órgãos de saúde (nacional e internacional), acerca do isolamento social, devido a pandemia gerada pelo COVID-19 provocada pelo novo corona vírus (SARS-COV-2), optou-se neste estudo o uso de novas estratégias para a coleta de fontes. Em nossa investigação utilizamos plataformas virtuais de troca de mensagens e telefonemas para a coleta dos depoimentos orais.

Assim, partindo de perspectiva de Porttelli, ao longo deste texto, daremos destaque às vivências e as interpretações dos sujeitos no extremo-leste, destacando a formação identitária de “morador local”.

Para um melhor vislumbre das questões expostas neste estudo, optaremos por dividi-lo em duas seções. Na primeira, dedicaremos um aprofundamento sobre a história da cidade de Orlandia, a ocupação do extremo-leste e explicitaremos alguns conceitos chave para nossas análises, como os conceitos de cotidiano, sociabilidades, identidade e memória.

Já na segunda seção, concentraremos nossas análises sobre as festas comunitárias e defenderemos a hipótese de sua importância no que tange a criação da identidade de “morador local”.

Nossa proposta visa evidenciar as complexidades e tramas de um cotidiano em um pequeno município paulista. Neste sentido, buscamos contribuir com mais um estudo em História que destaca as construções identitárias através do cotidiano e da sociabilidade. Contudo, salientando as especificidades desta região e de seus sujeitos.

Extremo-Leste orlandino: história, cotidiano e formações identitárias

Ao longo das décadas finais do século XX, a administração local do município de Orlandia, localizado na região metropolitana de Ribeirão Preto, nordeste do Estado de São Paulo, realizou uma série de ações que visavam ampliar sua malha urbana. Esta ampliação se deu sobretudo nos sentidos leste e oeste.

A ampliação do tecido urbano da cidade, ao longo do período supracitado, ocorreu devido a dois processos que se encontram entrelaçados. O primeiro é referente ao processo de “interiorização do desenvolvimento” e o segundo corresponde a construção de diversos conjuntos habitacionais a leste e oeste do antigo centro urbano.

Sobre o primeiro processo, Rosana Baeninger (2002) destaca que a partir dos anos de 1970, com a desconcentração industrial da região metropolitana paulista e a instalação de novas (e o desenvolvimento das antigas) indústrias na região interiorana do Estado de São Paulo, estes espaços seriam grande polo de atração de sujeitos, sejam da migração entre cidades, bem como entre estados.

Outo autor que aborda tal questão é Paiva (2019), que, ao discorrer sobre tal processo, destaca que as cidades interioranas do Estado de São Paulo, a partir da década de 1970, receberiam “[...] pesados investimentos estatais com o intuito de também torná-las receptoras de investimentos industriais privados, como opções em relação à metrópole, no âmbito das políticas de interiorização do desenvolvimento assumidas pelos governos federal e estadual” (PAIVA, 2019, p. 06).

Paiva (2019, p. 08) ainda pontua que é,

[...] importante também ressaltar nesse processo que, no período [pós 1970], a Região Metropolitana de São Paulo não deixa de crescer, porém, outras áreas do estado, como o Nordeste Paulista [Ribeirão Preto e sua região metropolitana] e várias outras regiões do país, como um todo, crescem mais, havendo o surgimento de novas economias e, por consequência, novas aglomerações urbanas.

No contexto orlandino, este período, pós 1970, seria marcado pela fundação e ampliação de uma série de indústrias³, que contribuiriam de forma significativa para a atração de novos moradores para a cidade. Desta forma, a ampliação da cidade se tornou necessária.

Este aumento populacional, como indicado por Paiva (2019), ocorreu devido ao êxodo rural, assim como com as migrações entre cidades e entre estados. Estas populações, os novos moradores, seriam atraídos devido a fase de desenvolvimento econômico na qual a cidade de Orlandia vivia até então. E esta atração, ao longo dos anos, causou um déficit habitacional devido ao aumento do contingente populacional.

A solução para a questão habitacional foi a ampliação da rede urbana do município, que se deu através de duas formas. A primeira foi a implantação de novos loteamentos e a segunda, que se refere, de modo geral, ao segundo processo de grande aumento da área urbana, corresponde a construção de conjuntos de habitação social.

O crescimento populacional neste período é considerável. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1970 Orlandia possuía pouco mais de 15 mil habitantes, já na década seguinte (1980), este número ultrapassava os 22 mil. Este considerável crescimento não cessou nas décadas posteriores. Orlandia aumentou sua população para pouco mais de 27 mil habitantes em 1990, e este número novamente aumentou no censo seguinte, chegando a 35 mil nos anos 2000 e 40 mil no censo de 2010. De modo geral, entre as décadas de 1970 e 2010, Orlandia mais que dobrou sua população, um crescimento de mais de 25 mil habitantes em poucas décadas.

Como acima citado, a ampliação da rede urbana de Orlandia seguiu dois sentidos, leste e oeste. E, em ambos os sentidos, se destacaram duas formas de construção de residências. A primeira consistiu em loteamentos, onde ficou a cargo do poder público: implantar a infraestrutura necessária, como a demarcação e pavimentação das ruas e avenidas, instalação da iluminação pública e redes de saneamento básico; e aos moradores: a construção das casas.

Já a segunda forma, correspondeu a construção de conjuntos habitacionais. Que consistiu na doação por parte da prefeitura de terrenos para empresas que ficaram responsáveis pela construção das residências, bem como implantar a infraestrutura necessária, como a demarcação e pavimentação das ruas e avenidas, instalação da iluminação pública e redes de saneamento básico.

Foi a partir deste processo de desenvolvimento que ocorreu a ocupação do extremo-leste orlandino, composto pelos bairros Jardim Santa Rita, criado em 1989, e Conjunto Habitacional José Vieira Brasão, criado em 1992 e ampliado em 1994. Os sujeitos que ocuparam esta região eram moradores locais, migrantes de outras cidades paulistas, bem como migrantes de outros Estados, notadamente mineiros e nordestinos.

Ao longo deste artigo, nos deteremos em analisar o cotidiano desta região, na busca de identificarmos os processos identitários formados a partir do cotidiano, do lazer e dos espaços de socia-

3 As indústrias orlandinas beneficiadas neste período foram: Indústria Brejeiro, ligada ao beneficiamento de grãos, Companhia Mogiana de Óleos Vegetais COMOVE, Metalúrgica Orlandia – MORLAN S/A., Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlandia – CAROL, Indústria de Terminais Elétricos - INTELLI. Assim como algumas usinas, que a partir do PROÁLCOOL ampliaram as terras plantadas bem como investiram em tecnologia.

bilidades no extremo-leste orlandino.

O cotidiano o qual analisaremos, partindo da perspectiva do historiador Michel de Certeau (2014), e a qual adotaremos, não possui nada de entediante, aborrecido e/ou rotineiro, como uma mera repetição mecânica dos mesmos gestos, desde o café da manhã até o anoitecer, de maneira geral, o cotidiano nada tem de monótono.

Como destacaremos, o cotidiano periférico⁴ não pode ser resumido apenas no acordar, sair do bairro para trabalhar e retornar à sua habitação para descansar para próximo dia de trabalho. Ao considerarmos este dia a dia tão resumido, reforçamos ideais de que a região periférica é um mero local de mão de obra à espera de atender os desejos do capital.

Ao propormos nos debruçar sobre as análises do cotidiano periférico, buscaremos destacar as relações dinâmicas deste espaço. As relações de amizade, solidariedade e a criação de laços de compadrio. Neste artigo, destacaremos que este cotidiano também foi marcado por relações de intrigas, brigas e disputas. Sobretudo, evidenciaremos que foi em meio a este cotidiano que se construiu uma série de identidades locais. Como, por exemplo a de “morador local”, objeto de reflexão desta investigação.⁵

Estas identidades no extremo-leste orlandino são compreendidas enquanto processos de identificação entre os sujeitos que foram construídas através de laços como o da naturalidade, de vizinhança, de amizade, solidariedade, companheirismo e compadrio, a partir das relações cotidianas, bem como dos espaços do trabalho, de lazer e da sociabilidade. Partimos sobretudo da perspectiva de Stuart Hall (2012), que compreende identidades sociais enquanto construções que se criam a partir das representações dentro dos discursos culturais/sociais; que informam como um determinado grupo vive e compartilha seus significados.

Da mesma forma, buscaremos evidenciar que as identidades encontradas no extremo-leste orlandino, e em certo ponto até mesmo fora desta região, partindo da perspectiva de Roberto C. de Oliveira (1976) e Michael Pollak (1992), se constituíram a partir de sua busca por uma criação e diferenciação entre o “nós” em contraponto aos “outros”.

Como destaca Oliveira (1976, p. 05), “[...] quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição”. Seguindo a proposta deste pesquisador, as identidades, sejam elas individuais ou coletivas, não se afirmam de forma isolada, existe sempre a necessidade de um “outro” como seu contraponto.

Salientamos ainda, que o processo de construção, reconstrução e manutenção das identidades no extremo-leste, se deram através das memórias individuais e coletivas (ou sociais) dos sujeitos que habitam esta região.

A memória, como destaca Ivo Santos Canabarro, Lilian Maria Moser e Eduardo Servo Ernesto (2018, p. 114),

4 A região do extremo-leste de Orlândia, corresponde a região periférica desta cidade, em todos os sentidos, seja social, econômico, geográfico e simbólico. Ver: Pereira, 2020a; 2020b.

5 Salienta-se ainda que nesta mesa região ocorreram o desenvolvimento de outras identidades locais, como por exemplo a de “piauí” (PEREIRA; SCHÖRNER, 2020) – a qual buscaremos traçar algumas considerações no final deste estudo, e a de “morador periférico” (PEREIRA, 2021, no prelo).

[...] não é algo contínuo, uma vez que ela se dá pouco a pouco, com base na experiência vivida, rememorada, retida anteriormente e sintetizada, construída ou reconstruída. E é em virtude disso que a memória é um componente essencial para a identidade, uma vez que está correlacionada ao compartilhamento de uma cultura, sendo assim, ela é uma representação social entre indivíduos.

Para João Carlos Tedesco (2004, p. 31),

[...] a memória está ligada a um papel importante no mundo social, a de conservar informações psíquicas capaz de atualizar impressões passadas, assim como representações sociais que são naturalizadas do cotidiano de um grupo, informando ainda a estes indivíduos inseridos em uma coletividade o sentido de sua própria colocação no tempo, interligando o passado ao presente.

Neste sentido, como destacam Canabarro, Moser e Ernesto (2018, p. 115), ao analisar as contribuições de Tedesco (2004) para o debate acerca da memória, pode-se afirmar que as memórias de grupos sociais possuem “[...] quadros de significação, com estratégias, simbologias, representações, experiências da vida cotidiana que criam temporalidades e espacialidades”. Estas perspectivas, ou melhor, estas visões de mundo, se relacionam ao que Hall (2012) compreendeu enquanto “centralidade cultural”. A memória gera pertencimento entre os membros de um mesmo grupo que compartilham sua significação, resultando na identidade, justamente enquanto uma forma simbólica, pois se “veem” como iguais, por compartilharem uma mesma perspectiva de mundo.

Outra importante referência nas discussões acerca da memória é Halbwachs (2006). Este pesquisador compreende a memória enquanto um instrumento social, que corresponde a uma construção coletiva. Canabarro, Moser e Ernesto (2018), salientam ainda, que as contribuições de Halbwachs (2006), também servem para as discussões acerca das identidades. Segundo os autores:

Pode ser considerado válido dizer, que a obra de Halbwachs, é de suma importância para se analisar questões de identidade. Quando esse autor concentra sua análise na memória, refletindo sobre como ela é compartilhada em uma dada coletividade, em um tempo e um espaço, mostra funções de identidade cultural, uma vez que revela que o grupo pensa um passado a partir de um presente e, ao mesmo tempo pensando no futuro; é o passado como uma forma de transmissão de significações e tradições que se ligam a centralidade cultural do grupo que compartilha tais sentimentos e representações. Halbwachs mostra, então, como as lembranças de um grupo trazem noções de localização e temporalidade como a forma da casa, os móveis, a forma de expressão da religião que são experiências que se ligam ao cotidiano do grupo. (CANABARRO; MOSER; ERNESTO, 2018, p. 117)

Vale ressaltar que a identidade a qual nos debruçaremos, se construiu através do cotidiano e dos espaços de sociabilidade no extremo-leste. Bem como, esta identidade pode ser evidenciada e construída a partir da memória dos sujeitos que vivem nesta região.

Tratando-se acerca da importância dos espaços de sociabilidade no extremo-leste, e sua importância no que tange a formação da identidade de “morador local” nesta região, salientamos que foram através destes espaços que houve, partindo das narrativas dos sujeitos, o estreitamento dos laços entre estes.

Destacamos que os espaços de sociabilidade não correspondem apenas aos locais de lazer ou de mera interação entre os sujeitos. Compreendemos por sociabilidade, partindo da perspectiva de Simmel (2006), uma forma lúdica de sociação, na qual os indivíduos, em razão de variados interesses, desenvolvem uma espécie de unidade comum, produzindo novas formas de ser e estar com o outro, ou seja, de interações.

Neste sentido, salientamos que, para que exista a sociabilidade, é necessário que os indivíduos, além de estarem sociados/interagindo por interesses específicos, se relacionem em função de certos sentimentos e por uma satisfação mútua de estarem socializados. Assim, a sociabilidade consiste em uma derivação da interação.

Ressaltamos ainda, que a consequência, as condições, bem como os resultados destes processos de sociabilidade, são exclusivamente dos sujeitos que se encontram em interação, numa situação em que a sociabilidade permanece limitada somente a seus participantes (SIMMEL, 2006, p. 66). Partindo de tal prerrogativa, nos espaços onde ocorreria a sociabilidade – por exemplo, as festas comunitárias – não eram todos os sujeitos que se encontravam nestes espaços que se encontram ligados as redes de sociabilidade construídas nestes locais. Neste sentido, para muitos sujeitos que frequentavam estes espaços, tais locais eram tomados enquanto meros espaços de lazer ou de interação.

Nossa proposta, caminha em evidenciar que alguns espaços no extremo-leste (e fora dele) corresponderiam à locais de sociabilidade, por possuírem funções mais complexas que somente o lazer e a interação. Estes espaços, além de locais onde os sujeitos “gastam seu tempo livre”, também possuíam como funções estreitar os laços de amizade e solidariedade, reviver as raízes, bem como, nestes locais, se forjaram ou se redefiniram identidades locais.

Partindo destas considerações, na seção seguinte, dedicaremos atenção a formação da identidade de “morador local”.

Quermesse e a Festa Junina: espaços de lazer, sociabilidade e criação de sentimentos de unidade e pertença ao espaço

Ao longo desta seção, temos por objetivo central evidenciar dois eventos anuais ocorridos no extremo-leste. Estes eventos são a Quermesse de Santa Rita, organizada pela Paróquia Santa Rita ao longo do mês de maio, que conta com a participação e organização do evento a partir de seus fiéis, e a Festa Junina da Travessa X, organizada pelas famílias que habitam esta parte do bairro Brasília.

Estes dois eventos, partindo da perspectiva das autoras Alini Nunes de Oliveira e Maria Del Carmen Cavalcante (2012), relacionam-se em um primeiro momento como formas de lazer, manifestações culturais, bem como se consolidam enquanto importantes espaços de socialização e atrativos turísticos para esta região da cidade.

Da mesma forma, um destes eventos, a Quermesse, traz significativas contribuições a Paróquia, que através de seus ganhos financeiros ao longo dos últimos anos realizou uma série de

construções e reformas na Igreja Santa Rita e na praça em seu entorno.

Já o segundo evento, a Festa Junina realizada na Travessa X, não tem por objetivo a arrecadação, o evento é organizado através de doações dos moradores desta travessa e de outros moradores das ruas e avenidas em seu entorno. Este segundo evento nasceu a partir de um “pagamento de promessa”, contudo deixou de ser algo individual, de uma pessoa/família e acabou por englobar uma série de outros sujeitos.

As contribuições destes dois eventos anuais, encontram-se também na construção e consolidação de laços de amizade e solidariedade entre seus participantes, e ambos os eventos podem ser observados enquanto responsáveis pela construção de uma certa noção e sentimentos de unidade, identidade e pertença ao espaço.

Começamos pela tradicional Quermesse de Santa Rita. Poucos anos após a criação da Igreja Santa Rita na década de 1990, circunscrita entre as ruas 12 e 14 e avenidas X e Y, localizada na praça que leva o nome da igreja, Praça Santa Rita, a Paróquia, com auxílio dos fiéis que a frequentavam, passou a realizar tradicionalmente no mês de maio a Quermesse de Santa Rita.

Este evento anual ocorria inicialmente na avenida X de frente a Igreja, e posteriormente foi alocado na Escola Sylvia Ferreira, ao lado da Igreja. O evento contava com a realização de bingos (onde como prêmio aos ganhadores era dado um frango assado) e possuía barracas de macarrão, foggazzas, batatas fritas, cachorros-quentes, pastéis, bebidas, doces e uma barraca da pesca. Todo o montante em dinheiro arrecadado com as vendas de cartelas de bingo e nos produtos das barracas durante a Quermesse de Santa Rita eram revertidos para as construções e reparos na Igreja e na praça.

As quermesses, como destaca Larissa Geórgia Bráulio Moura (2012), correspondem a eventos organizados na maioria das vezes por organizações religiosas, notadamente católicas, que possuem como características marcantes serem domésticas e comunitárias, e, em sua maioria, são festas de arrecadação de fundos.

O casal Rosa e José⁶, participantes e organizadores deste evento, destacam que a Quermesse de Santa Rita, era um dos poucos eventos ocorridos no extremo-leste onde os moradores possuíam um espaço para se divertir, conversar e socializar com outras famílias dos bairros Brasão e Santa Rita.

Aqui o que tinha de bom, e pra fazer só [risos] era a Quermesse. A gente que fazia, era a moda antiga sabe, fazíamos no início ali na rua [Avenida X], aí depois que veio a escola a gente fazia dentro da escola. A gente fazia e o dinheiro que arrecadava era para construir a capela Santa Rita, pra aumentar, pra lidar na praça. Então nós fazíamos, eu participei disso, ela [sua esposa] participou, meus filhos também depois ajudaram. Trabalhava na barraquinha, ia em uma depois na outra ia ajudando no que podia. A festa que nós tinha era essa aí e jogar futebol sabe ali na rua oito tinha um campinho de futebol, era a diversão nossa, aí se você quisesse diversão você tinha que ir lá pro Jardim Boa Vista, pro centro sabe, tipo dança essas coisas assim tinha que ir pra lá, aqui nossa diversão era só a quermesse, uma vez no ano, na semana de maio. (JOSÉ, 2020)⁷

6 Optaremos, a partir de autorização dos entrevistados, utilizar seus nomes reais neste estudo. Ao utilizarmos fragmentos de suas narrativas utilizaremos notas de rodapé para melhor identificar os sujeitos bem como as datas e locais de realização das entrevistas.

7 José Osmar Melo, 58 anos, paulista, auxiliar de comércio. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial (Sorveteria Lagoa Azul), rua 12, em 04 de fevereiro de 2020.

Como supracitado, o evento era organizado pela Paróquia Santa Rita com o auxílio de seus fiéis. Estes sujeitos colaboravam na organização e atuavam ao longo do evento, seja trabalhando na confecção e venda dos alimentos que iriam ser vendidos, vendendo cartelas do bingo e ajudando com doações de produtos e dinheiro para a realização do evento.

A quermesse ocorria ao longo das noites, durante uma semana do mês de maio. Antes do início das vendas dos produtos e do bingo, era realizada uma missa na Igreja Santa Rita e, quando finalizada, os sujeitos se dirigiam ao evento. A Quermesse tinha o poder de juntar moradores do Santa Rita, Brasão, bem como de outros bairros da cidade de Orlândia. Da mesma forma, devemos destacar que nem todos os frequentadores do evento eram participantes do rito católico, muitos esperavam o fim da missa em suas casas, ou até mesmo na praça Santa Rita, e, depois do término da missa, seguiam de onde estavam para o evento. A Quermesse pode ser vista como um dos mais importantes espaços comuns de lazer desta região periférica, que agregava ali diferentes sujeitos, de diferentes idades e credos.

A importância desta quermesse, para além de espaço de lazer periférico, também se encontra em seu poder de criação e formação de laços de amizade, solidariedade e identidade. Os moradores desta região, seja do loteamento Santa Rita, como do Conj. Hab. José Vieira Brasão, eram sujeitos advindos de diferentes bairros da cidade de Orlândia, e até mesmo de fora dela, como é o caso da chegada de migrantes de outras cidades do Estado de São Paulo e de outros Estados do país.

Neste sentido, a Quermesse acabou por possibilitar a criação de laços entre os sujeitos que dividiam um mesmo credo religioso, neste caso, o católico. A realização de um evento comunitário, possibilitava que os fiéis desta Igreja trabalhassem, conversassem e dividissem ideias, o que acabou por criar e estreitar laços entre tais sujeitos que até então eram apenas vizinhos e, em sua maioria, desconhecidos um do outro.

Quando a gente chagou aqui, não conhecia ninguém, né. Eu até tinha uns conhecidos que vieram para cá também, só que era tudo longe, eu aqui na Y, a minha conhecida lá no fim da Z, era longinho, então os vizinho aqui eu nem sabia quem eram. (MARIA, 2020)⁸

Esta possibilidade de criação de uma unidade, de laços entre os moradores desta região criada a partir deste evento, a Quermesse, também pode ser observado no segundo evento destacado no início deste segundo tópico, a Festa Junina.

Este segundo evento nasceu a partir de uma promessa feita por uma moradora da Travessa X, Maria de Lurdes Monteiro. Maria, moradora do Conjunto Habitacional José Vieira Brasão desde 1993, no início dos anos 2000 acabou sofrendo um acidente de trabalho e, a partir deste acontecimento, fez uma promessa a Santo Antônio, que, caso se recuperasse de tal acidente, realizaria todos os anos, no mês de junho, uma festa junina. Com a recuperação, Maria passou a realizar a festa com a ajuda família e vizinhos todos os anos.

Este evento contava inicialmente com uma missa realizada na Travessa X, com orações de

⁸ Maria Dalva dos Santos Borges, 62 anos, costureira, natural de Novo Oriente-PI. Entrevista realizada em sua residência, avenida Y, em 17 de fevereiro de 2020.

agradecimento à benção alcançada. Após o momento de oração, era realizado uma encenação de um casamento na roça, que contava com um par de noivos, um “padre”, e vários casais de jovens vestidos de “caipiras”, na sequência, após a encenação, os jovens começavam a dança da quadrilha.

Esta parte do evento, a encenação e dança, não correspondia a algo improvisado. Os jovens que participavam desta encenação, filhos e netos dos moradores da travessa e de outras partes do bairro, ao longo de algumas semanas que antecediam o evento, com o auxílio de um adulto, realizavam diversos ensaios para que tudo ficasse perfeito no grande dia.

Findada a apresentação, era servido aos presentes uma série de pratos típicos desta festa, como quentão de pinga, bolo de fubá, cri-cri (amendoim açúcarado), cachorro-quente e pipoca.

Esta festa, que inicialmente partia de uma promessa de Maria Monteiro e de sua família, aos poucos acabou por envolver boa parte dos moradores da travessa onde a família residia, bem como das avenidas e ruas próximas. Para a sua realização, os moradores desta travessa e seu entorno se uniam, e cada um ficava responsável por uma parte do evento, seja a doação de alimentos, a confecção dos pratos tradicionais, a organização e decoração do local, os ensaios com os jovens e, após o evento, a limpeza do espaço.

Este segundo evento, assim como o primeiro, além de proporcionar um espaço de lazer e diversão nesta região, possuía grande importância no que tange a criação e aprofundamento dos laços entre os sujeitos. O evento também correspondia a um espaço de sociabilidade. Esta festa comunitária, diferentemente da primeira, não tinha por objetivo gerar lucros, sua realização se deu enquanto “um pagamento de promessa”, algo que nasce de uma maneira individual, mas que, com o passar dos anos, acaba por englobar uma série de outros sujeitos.

Partindo da apresentação destes dois eventos, consideramos que ambos contribuíram significativamente enquanto espaços de criação de laços entre os sujeitos. Acreditamos que estas duas festas, seja a Quermesse como a Festa Junina, serviram como forma de criação de uma unidade, baseada em laços de amizade e solidariedade com o outro.

Estes eventos se caracterizavam como festas comunitárias que moviam um número de sujeitos para sua realização. Em ambos os casos, estas duas festas têm como base a religião, a Quermesse ocorreria em homenagem a Santa Rita, além de gerar fundos para a Igreja, e a Festa Junina correspondia ao pagamento de uma promessa feita por uma moradora.

Da mesma forma, as festas comunitárias também podem ser consideradas enquanto espaços onde os sujeitos criam laços identitários. Conforme a proposta de Habesbaert (1999, p. 180), a identidade é construída subjetivamente em usos, costumes e valores e “recorre a uma dimensão histórica do imaginário social, de modo que o espaço serve de referência, e condensa memória do grupo”.

Estas festas, com o passar dos anos, acabam por englobar novos sujeitos, seja na sua realização e público. José, como destacou em sua narrativa acima citada, afirmou que quando seus filhos atingiram uma certa idade, os levou para a participarem da Quermesse, para trabalharem nas barracas junto a ele e sua esposa. Na festa junina, os jovens ficavam responsáveis pela encenação e dança, assim como, ao atingirem uma certa idade, acabavam por assumir outras atividades no evento.

A ocupação das funções por outra geração, como destaca Simone Semensatto (2012) são comuns em festas comunitárias, e, segundo a pesquisadora, esta passagem para a geração seguinte acaba por criar e reforçar os laços construídos, além de fundar uma tradição nas comunidades e consequentemente contribuir para a sua continuidade.

Ao longo das entrevistas realizadas com os moradores do extremo-leste, em grande parte de suas narrativas, ao ser abordada a temática do lazer e festas, suas respostas são quase automáticas, de modo geral, a uma unanimidade entre os sujeitos entrevistados em abordarem estes dois eventos, a Quermesse e a Festa Junina da Travessa X.

Para Halbwacks (2003) a memória se vincula à afetividade das pessoas do convívio social dos sujeitos, as lembranças se relacionam aos contextos e às pessoas que estavam presentes nele. Da mesma forma, a memória se constitui por vivências inerentes aos sujeitos e são produzidas em determinadas localidades em diálogo com os respectivos contextos sociais dos mesmos.

Como destaca Michael Pollak (1992), as memórias são constituídas por marcos variantes e invariantes, e possuem em vista determinados acontecimentos que perpassam as vivências dos indivíduos e constituem parte fundante de sua identidade e da identidade de outros. As lembranças corroboram para a construção das identidades pessoais, bem como da identidade de uma localidade.

Cabe salientar que estes moradores sempre se recordam destes eventos por estes fazerem parte de seu cotidiano há décadas. Da mesma forma, narrar sobre estes eventos envolve uma série de memórias que remetem as relações afetivas e identitárias que estes possibilitaram. Mas, também devemos destacar que a menção exclusiva a estes eventos pode se dar devido a serem as únicas festas comunitárias que ocorrem nesta região. Isto pode ser observado a partir de alguns depoimentos orais, como de Ana “[...] aqui, para gente sair e ver bastante gente era só com a quermesse ou a festa junina ali de baixo, fora isso tinha nada aqui”⁹, Rosa “[...] aqui o bom é a quermesse, fora isso não tem mais nada, assim que de para ir todo mundo, ver os vizinhos tudo sabe”¹⁰ e José “[...] e você quisesse diversão você tinha que ir lá pro Jardim Boa Vista, pro centro sabe, tipo dança essas coisas assim tinha que ir pra lá, aqui nossa diversão era só a quermesse, uma vez no ano, na semana de maio”.

As narrativas acima corroboram para com as considerações de Sposito (1993), que destaca que “nos bairros periféricos, nos grandes conjuntos habitacionais, as formas de lazer institucionalizadas ou públicas são praticamente inexistentes”. Contudo, cabe destacar que, além destes espaços, destas festas comunitárias, havia outros locais de lazer, como, por exemplo, alguns pequenos botecos (bares) e lanchonetes espalhados pelo extremo-leste, todavia estes locais correspondiam a espaços de sociabilidade de grupos específicos.

Sobre este ponto, partindo de investigações acerca dos bares/botecos enquanto espaços de lazer e sociabilidade, podemos dizer que os botecos eram espaços sobretudo masculinos (URIA, 2003/2015; JUNIOR BANDUCCI; NASCIMENTO, 2012). Em nosso estudo, isto também é destacado através da moradora Aparecida, visto que ela ressalta que o público do boteco de seu falecido ma-

9 Ana Leocadia Silva, 64 anos, ex-empregada doméstica. Entrevista realizada em sua residência, na avenida Y, em 18 de fevereiro de 2020.

10 Rosa Maria Gazola, 49 anos, comerciante. Entrevista realizada em seu estabelecimento comercial (Sorveteria Lagoa Azul), rua 12, em 04 de fevereiro de 2020.

rindo era composto somente por homens.

O meu marido abriu um bar aqui no Brasão, o primeiro a abrir esse tipo de negócio aqui. Ai só vinha homens, rapazes né, saíam do serviço, e já passavam aqui, tomavam uma, jogavam cartas. [Mulheres não frequentavam o bar?] Não, não, era lugar de homens né, tanto que quando ele morreu eu não toquei, fechou até um dos meus filhos assumir. (APARECIDA, 2020)¹¹

Todavia, não desconsideramos estes tipos de espaços enquanto importantes locais de sociabilidades e lazer. Jorge Uria (2015, p. 62) destaca a importância dos bares enquanto importantes espaços de sociabilidade das camadas mais populares, nestes locais, segundo o pesquisador “[...] es, en sin, el espacio para el rumor o las noticias sobre un nuevo trabajo, a la vez que frecuente punto de la partida desde donde articular la resistencia, el conflicto e la negociación de sus duras condiciones”.

Ainda sobre a importância destes espaços, o pesquisador salienta que

[...] la taberna emegió como una realidad omnipresente em la estructura popular del ocio; y como un espacio de enorme significación en ele intercambio y socialización de valores, em la gestión gestión social de los conflictos y consensos de dia a dia, e on la resolución prácticas de las decisiones más elementares de la vida cotidiana popular. (URIA, 2015, p. 65)

Neste sentido, para o autor os bares podem ser compreendidos enquanto um espaço indispensável da vida cotidiana, seja como centro social da comunidade e como espaço de intercâmbio de informações, notícias e uma oferta de lazer, “era, en definitiva, uno de los espacios de sociabilidad popular más importantes e indispensables en la gestión cotidiana y la socialización inherentes a la vida diaria” (URIA, 2015, p. 66).

Contudo, como destacado parágrafos acima, este espaço concentra-se enquanto um local de sociabilidade específica de um grupo de sujeitos, de um gênero, o masculino. Enquanto as festas comunitárias serviam como espaços mais amplos, abrangendo sujeitos de diferentes gêneros quanto idades. Assim, podemos dizer, que as festas comunitárias nesta região eram os principais espaços agregadores de diferentes públicos.

A importância destes eventos comunitários, como já destacado, encontram-se nas possibilidades de criação de laços entre os sujeitos. As festas comunitárias apresentadas ao longo deste tópico, contribuíram significativamente em um processo identitário.¹²

Esta identidade criada por estas festas comunitárias corresponde a de “morador local”. Ou seja, os laços de amizade, vizinhança e solidariedade criados através destes eventos, contribuíram para a criação de um certo sentimento de unidade e pertença a este espaço. O ser “morador local” não corresponde necessariamente ao ser nativo ao espaço, ou seja, ter nascido no extremo-leste ou na cidade de Orlandia. Mas sim, corresponde ao sentimento de pertença criado a partir dos laços entre os sujeitos e com o espaço que habitam.

11 Aparecida Sonia Rodrigues Pinto, 61 anos, paulista, pensionista. Entrevista realizada em sua residência, na rua 14, em 01 de fevereiro de 2020.

12 Salientamos ainda, que outros espaços religiosos, em especial os de matriz protestante, predominantes no extremo-leste, também contribuíram significativamente na criação dos laços aqui expostos.

Sobre este ponto, observamos a narrativa de Lúcia,

Eu não sou nascida aqui em Orlandia, mas eu vim bem novinha pra cá, mas me considero orlandina, por aqui que eu construí tudo, casei, tive meus filhos, fizemos nossa casinha, tudo aqui. É aqui que eu tenho os meus amigos, que eu considero parte da minha família. (LÚCIA, 2020)¹³

Sobre esta relação afetiva com o espaço e os sujeitos e a não naturalidade ao local, pode também ser observada na narrativa de Ana:

Eu sou de Indaiá (Minas Gerais), mas vim pra cá, pra Orlandia, com uns cinco anos, mas eu me considero daqui, porque eu sempre vivi aqui. Aqui eu construí casa, casei algumas vezes [risos], tive minhas crias, e cria dos outros [afilhados]. Construí aqui com a vizinhança, as amizades. Aqui é tudo conhecido de anos, é quase família, né, todo mundo passou pelas mesmas dificuldades por aqui. (ANA, 2020)

Estes mesmos laços observados nas narrativas acima também podem ser observados na narrativa de José:

Eu sou natural daqui, daqui de Orlandia, a maioria do pessoal daqui [extremo-leste] não, mas só que a gente considera como daqui, entende? Porque todo mundo se conhece há muito tempo, dividiu muita coisa junto, um apadrinha o filho a neta do outro, estávamos juntos na organização da festa, trabalhávamos nos mesmos lugares, é isso. Então, é gente daqui que construiu isso aqui. (JOSÉ, 2020)

Estas narrativas exemplificam esse sentimento de pertencimento ao espaço. Levam em consideração nesta construção o tempo que já estão neste local, bem como as relações pessoais construídas através da vizinhança e do apadrinhamento (PRADO, 1995), da divisão dos mesmos espaços de convívio e da divisão dos problemas enfrentados neste local - sobretudo as dificuldades geradas pela falta de acessibilidade, infraestrutura e de serviços.¹⁴

Cabe destacar que esta unidade criada a partir dos laços de solidariedades, amizades, e posteriormente de compadrio, construídos através das festas comunitárias, dos ritos religiosos, bem como de outros grupos e espaços frequentados por estes sujeitos, em certos momentos, foram utilizados como mecanismo de diferenciação entre os moradores no extremo-leste.

As narrativas destes sujeitos buscam resgatar em suas memórias marcos de união entre os moradores desta região, também buscam consolidar um ideal de pertencimento ao espaço. Neste sentido, tomando como base as discussões de Halbwachs (2006), a memória não deve ser compreendida enquanto um mero resgate de informações do passado, mas sim uma ressignificação de histórias vividas a partir de uma vivência do presente.

Estes laços construídos entre sujeitos através dos eventos aqui apresentados, e narrados pe-

13 Lúcia Dias Enos, 68 anos, paulista, cabelereira. Entrevista realizada em sua residência, na avenida Y, em 29 de janeiro de 2020

14 O extremo-leste orlandino, desde sua ocupação ao longo do final da década de 1980 passou por uma série de problemas ocasionados pela falta de infraestrutura e segregação espacial. Sobre estas questões consultar Pereira (2020a; 2020b).

los mesmos, bem como através das relações de vizinhança, compadrio e do compartilhamento de outros locais de lazer e sociabilidade, acabaram por construir esta noção/sentimento de “moradores locais”.

Como destaca Warney Smith (2002, p. 213), esta identidade local

[...] trata-se do resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela conscientização histórica de pertencer a uma localidade (cujos limites se definem por um grau de relações num mesmo cotidiano, num clima de cumplicidade e relações de vizinhança). [...] Esse sentimento de identidade local fundamenta-se através de representações simbólicas. Na construção de tais ‘representações simbólicas coletivas’ o tempo e a intensidade de vivência no lugar - como o constante cruzar das ruas - são, [...], fundamentais para criar símbolos que retratam a comunidade. Isto é, ela reafirma a centralidade da história local construída, no processo da criação e imaginação da identidade local, ao dizer que essa construção se dá ‘ao longo da produção da própria vida em comunidade’, e, da história vivida pela comunidade.

Cabe destacar que esta identidade também se funda a partir de um “outro”, neste caso, o outro corresponde aos “recém-chegados”, em especial os migrantes nordestinos.

Com a migração nordestina na cidade de Orlândia, antecedeu o processo de ocupação do extremo-leste. Estes sujeitos, os nordestinos, migraram para esta cidade desde meados da década de 1970, e, esta migração foi acentuada a partir da década seguinte (1980), devido ao desenvolvimento econômico desta cidade e da região, sobretudo no que tange a ampliação dos canais e o aumento da demanda de mão de obra. Inicialmente, estes migrantes tiveram como destino as regiões mais próximas ao centro da cidade, sua região histórica, pois a ampliação desta cidade se deu somente a partir do final do século XX.

A chegada dos migrantes nordestinos ao extremo-leste se deu por duas formas, a primeira, que correspondeu a maioria dos migrantes nesta região, foi através do aluguel de casas no Jardim Santa Rita. Os sujeitos que ocupavam as residências neste bairro correspondiam aos safristas que residiam na cidade apenas nos períodos da safra da cana. E, a segunda através do sorteio das casas no Conj. Hab. Brasão, que, de modo geral, correspondiam aos migrantes que já haviam optado por morar na cidade ao longo da década de 1980, pois, para conseguirem uma casa através do sorteio, um dos requisitos básicos era ser morador do município há alguns anos.

Partindo destas informações, bem como das considerações realizadas neste tópico, salientamos que a identidade de “morador local” não abrangeu a estes migrantes, pois a maioria deles correspondiam, inicialmente, aos safristas, ou seja, sujeitos que ficavam no município por um curto período, “[...] eles vêm e vão, não são daqui né, acaba a safra eles já iam embora” (ROSA, 2020).

Contudo, nem todos retornavam ao Nordeste, existiram aqueles que optaram por ficar. Foram muitos os sujeitos que haviam optado por viver na cidade de Orlândia, todavia estes não eram considerados enquanto locais. Ao longo das narrativas dos “moradores locais”, observa-se que um “dado base” que permeia tal identidade, a de morador local, para além do tempo que viviam ali e dos laços criados, foi o da naturalidade com o Estado de São Paulo.

Neste sentido, estes migrantes nordestinos, especialmente aqueles que se encontravam nesta região e dividiam do mesmo período de ocupação do espaço que os demais sujeitos, os paulistas, acabavam sendo excluídos da formação de redes de amizade, solidariedade e de compadrio que

seria base para a construção do ser “morador local”.

A materialização desta diferenciação no extremo-leste entre locais e migrantes, pode ser compreendida através da expressão “piauí”, que corresponde à forma de se referir a todos os migrantes nordestinos.

O piauí, corresponde a uma identidade que inicialmente foi forjada para estes sujeitos, ou seja, diferente dos “moradores locais” que correspondem a uma criação do grupo para o grupo, o “piauí” é uma criação dos moradores locais para com os nordestinos.

Esta identidade, criada para estes sujeitos, aos poucos foi apropriada pelos migrantes e a ela estes indivíduos acrescentaram um novo acervo de características, principalmente positivas. Mas, mesmo que um novo acervo seja incorporado a esta identidade, muitos migrantes nordestinos em Orlândia ainda se negam a pertencer a ela visto que, como estes sujeitos evidenciam, tal identidade foi forjada na busca da diferenciação e da estigmatização destes sujeitos. Contudo, esta questão merece um estudo específico.

Considerações Finais

Ao longo desta investigação, buscamos evidenciar a potencialidade de algumas festas comunitárias no que tange a construção de uma certa identidade no extremo-leste da cidade de Orlândia.

Nossa proposta também buscou evidenciar que foi através do cotidiano, das relações de vizinhança, dos contatos no trabalho e nos espaços de lazer, que aos poucos sujeitos que até então eram desconhecidos entre si, passaram a construir uma série de redes de amizade, companheirismo e até mesmo de compadrio que possibilitou uma formação identitária.

Esta investigação corresponde a um estudo de História Local, que visou deslumbrar alguns aspectos do cotidiano e das sociabilidades em uma região periférica de um pequeno município paulista. Buscamos, ao longo desta investigação, trazer luz às questões que passam despercebidas a olhares desatentos, evidenciando que as redes analisadas, sobretudo as de amizades e solidariedades, são componentes cruciais nas construções de certas identidades locais. Da mesma forma, esta identidade analisada, como salientam Oliveira (1976) e Pollak (1992), se constituíram a partir de suas buscas por uma criação e diferenciação entre o “nós” em contraponto aos “outros”, no nosso caso, estes outros correspondiam aos migrantes nordestinos, sejam aqueles que poderiam ser considerados como “recém-chegados” (os safristas), bem como aos migrantes de longa data.

Como destacou Certeau (2014), o cotidiano de fato nada têm de monótono, nele encontramos uma série de tramas, relações conflituosas, de amizades e/ou de solidariedades. Na busca de contribuir nos para as questões que pontuam as análises do cotidiano, sociabilidades e as formações identitárias, buscamos aqui traçar algumas considerações acerca de quem são os “moradores locais” no extremo-leste orlandino.

Referências

- BAENIGER, Rosana. São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. In: BAENIGER, Rosana. **Regiões, metrópole e interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes – Brasil 1980-1996**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280774>. Acessado em: 13 de maio 2020.
- CANABARRO, Ivo dos Santos; MOSER, Lilian Maria; ERNESTO, Eduardo Servo. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para leitura de uma cultura. **Revista Memória em Rede**, v. 10, n. 18, p. 112-127, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15210/rmr.v8i14.7485>. Acessado em: 04 nov. 2020.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 4. edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- JUNIOR BANDUCCI, Álvaro; NASCIMENTO, Valdir Aragão do. De bar em bar: notas etnográficas sobre os bares da periferia. **Almanaque: Journal of History**, v. 04, n. 07, p. 43-63, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.46401/ajh.2012.v4.3997>. Acessado em: 28 out. 2020.
- MOURA, Larissa Geórgia Bráulio. **Vozes de resistência: tradição, inovação e participação da juventude no congado de Estrela do Indaiá - Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4164/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 27 out. 2020.
- OLIVEIRA, Alini Nunes de; CAVALCANTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas Cavalcante. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações**, v. 13, n. 01, p. 81-92, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/inter/v13n1/a07v13n1.pdf>. Acessado em: 27 out. 2020.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- PAIVA, Kauê Felipe. Urbanização não-metropolitana no nordeste paulista: a reprodução do espaço intra-urbano em pequenas cidades contíguas à rodovia Anhanguera. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 18., 2019, Natal. **Anais [...]. Natal: ANPUR**, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienganpur/anais/>. Acessado em: 24 de julho/2020.
- PEREIRA, Bruno César. Periferia, migração e cotidiano: notas acerca da inserção de migrantes nordestinos em um pequeno município paulista (1990-2010). **Revista de História UEG**, v. 09, n. 01, p. 1-10, 2020a. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/9755>. Acessado em: 22 jul. 2020.
- PEREIRA, Bruno César. Brasão e Santa Rita: narrativas sobre a construção histórica do extremo-leste orlandino enquanto espaço periférico. In: SEMINÁRIO ANTROPOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E FRONTEIRAS, 2., 2020b, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: UFMS, 2020b. p. 1-15.

PEREIRA, Bruno César. Ae irmão quer saber do nosso dia a dia? Cola na esquina da periferia. reflexões sobre o movimento Hip-Hop e a formação da identitária de sujeito periférico no extremo-leste orlandino (1990-2010). **História & Cultura**, Franca, v. 10, n. 01, 2021. (no prelo)

PEREIRA, Bruno César; SCHÖRNER, Ancelmo. O que é ser "piauí"? A representação dos migrantes nordestinos em um município paulista (1980-2020). **Boletim Historiar**, v. 07, n. 02, p. 73-94, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/14383>. Acessado em: 03 mar. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/108>. Acessado em: 05 nov. 2020.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, v. 01, n. 02, p. 59-72, 1996. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819739/mod_resource/content/1/PORTELLI%2C%20Alessandro%20%E2%80%93%20A%20Filosofia%20e%20os%20fatos.pdf. Acessado em: 21 jul. 2020.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, p. 25-39, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233>. Acessado em: 21 jul. 2020.

PRADO, Rosane M. Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 01, p. 31-56, 1995.

SEMENSATTO, Simone. **Informação, memória e identidade**: as festas comunitárias do município de Estrela – Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163922/000549247.pdf?sequence=1>. Acessado em: 27 out. 2020.

SMITH, Warley. Barão Geraldo: história e identidade local. **Revista de História Regional**, v. 07, n. 02, p. 207-230, 2002. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2162>. Acessado em: 04 nov. 2020.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, v. 05, n. 01-02, p. 161-178, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84954>. Acessado em: 09 out. 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória**: temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

URÍA, Jorge. La taberna: un espacio multifuncional de sociabilidad popular en la restauración enspñola. **Hispania**, n. 24, p. 571-604, 2003.

URÍA, Jorge. Espacios, lugares, territórios. In: CASTILLO, Santiago; DUCH, Monstserrat (coord.). Sociabilidades em la Historia. Madrid: Ed. La Catarata, 2015. p. 59-90.